

Satoko Ichihara - a voz feminina na reinvenção do Teatro Contemporâneo Japonês

Alice K. Yagyu



Diretora, dramaturga e pedagoga teatral. Docente do Curso de Artes Cênicas da ECA/USP. Bolsista da Artists Fellowship (1990) e Japanese Studies (1995), da Fundação Japão. Coordena o Núcleo HANA de Pesquisa e Criação Teatral. Investiga a arte do ator na cena oriental-japonesa e ocidental-brasileira. Atuou e/ou dirigiu obras cênicas com apoios do Fomento Municipal, FUNARTE e ProAC. Publicou *Iti ka bati ka* (Tudo ou nada, ed. Javali, 2023), premiado no ProAC Dramaturgia (2021).

E-mail: alice-k@usp.br

Resumo

A geração de dramaturgos japoneses nascidos entre 1970 e 1980 emergiu em um cenário de crises econômicas e mudanças sociais, com as mulheres encontrando no teatro um espaço de resistência. Satoko Ichihara, dramaturga e diretora teatral, se destaca por sua abordagem provocadora, explorando comportamento, sexualidade e hibridização entre espécies. Sua peça *As Bacantes – Vacas Leiteiras Holandesas* reinterpreta a tragédia grega com um ser híbrido, meio-humano, meio-bovino, desafiando padrões patriarcais e antropocêntricos. Com elenco feminino, monólogos intensos e um universo grotesco, a obra questiona normas sociais e de gênero. Influenciada por Judith Butler, Ichihara denuncia o *lookism* e utiliza metáforas para dar voz aos marginalizados. Suas obras, marcadas por crítica social e humor ácido, redefinem o teatro como espaço de contestação, reinvenção e liberdade.

Palavras-chave

Teatro Contemporâneo Japonês, dramaturgas-diretoras, Satoko Ichihara

Satoko Ichihara - a voz feminina na reinvenção do Teatro Contemporâneo Japonês

Por Alice K.

No Japão, dramaturgos nascidos nas décadas de 1970 e 1980 têm emergido como vozes centrais do teatro contemporâneo, trazendo uma perspectiva única e impactante sobre os desafios de sua geração. Suas obras refletem as complexidades de crescer e evoluir em um contexto marcado por recessão econômica, catástrofes naturais e intensas transformações sociais.

Diante desse cenário instável, muitas mulheres encontraram no teatro um espaço de resistência e reinvenção, utilizando suas criações para questionar normas e desafiar estruturas tradicionais. A partir de trajetórias criativas diversas, essas mulheres reformulam a dramaturgia ao explorar temas como gênero, corpo, identidade e marginalização.

Com narrativas que desconstruem convenções e subvertem valores arraigados, as dramaturgas, também diretoras, vêm construindo um teatro que não apenas reflete a realidade, mas também a confronta, abrindo novos caminhos para a expressão artística e o pensamento crítico.

Criadas em um período marcado pelo colapso da “bolha econômica” dos anos 1990-2000, as dramaturgas-diretoras vivenciaram as restrições que moldaram a percepção das mulheres sobre seu papel na sociedade.

O modelo tradicional de trabalho japonês, que priorizava homens em cargos estáveis, relegava muitas mulheres a empregos precários ou temporários, mesmo quando possuíam alta qualificação. Essa instabilidade profissional refletia desigualdades estruturais, mas também impulsionava muitas artistas a encontrarem no teatro um espaço de resistência e autoexpressão.

Nas décadas anteriores, a dramaturga Rio Kishida (1946-2003) já abordava, em suas peças, os desafios enfrentados pelas mulheres em uma sociedade patriarcal. Kishida defendia que o sistema social dominado por homens precisava ser reformulado para que mulheres conquistassem direitos iguais aos de seus colegas homens.

Paralelamente, os anos 1990 foram um período de transformação no panorama cultural japonês. A criação do Conselho Nacional de Artes do Japão em 1990 e a inauguração do Novo Teatro Nacional em 1997 representaram avanços fundamentais, ampliando o

acesso a teatros públicos e fortalecendo os mecanismos de financiamento.

Essas iniciativas possibilitaram a inserção de dramaturgas-diretoras no cenário artístico, desafiando um meio historicamente dominado por homens.

Além disso, as universidades passaram a integrar dramaturgos e diretores às suas estruturas acadêmicas, proporcionando maior acesso ao ensino formal das artes cênicas também para mulheres. Ao mesmo tempo, a gestão cultural se consolidou como campo de estudo, abrindo caminhos para que artistas mulheres assumissem papéis de liderança tanto na criação quanto na administração cultural.

Entre ruínas e cenas

Eventos catastróficos, como os terremotos de Hanshin-Awaji (1995) e do Leste do Japão (2011), impactaram profundamente o país e suas comunidades. Para muitas mulheres, que assumiram papéis essenciais no cuidado das famílias e na reconstrução social, essas tragédias reforçaram a consciência sobre a fragilidade da vida e a importância das conexões humanas. Essas experiências deixaram marcas profundas, refletindo-se em suas criações artísticas.

Conceitos tradicionais de pertencimento, resiliência e identidade passaram a ser questionados, explorando temas como isolamento, instabilidade e as dinâmicas de gênero em uma sociedade em transição, mas ainda presa a expectativas culturais restritivas.

As chamadas “décadas perdidas” para a economia japonesa, paradoxalmente, tiveram um efeito positivo no teatro, criando um ambiente propício para a expansão das artes cênicas. Nesse contexto, as mulheres do teatro desempenharam um papel crucial, aproveitando as novas oportunidades institucionais e criativas para ampliar suas vozes e trajetórias.

Festivais internacionais de arte e o advento da internet ampliaram o alcance e as possibilidades de intercâmbio cultural, permitindo que dramaturgas japonesas se conectassem com profissionais ao redor do mundo. Essa nova realidade incentivou a criação de performances globais e coproduções internacionais, tornando-se um marco para aquelas que buscavam expandir suas narrativas e audiências.

As dramaturgas contemporâneas também diversificaram suas atuações para além dos palcos. Reconhecendo o potencial transformador do teatro na articulação e mobilização comunitária, essas artistas levaram suas produções a espaços públicos,

abordando questões sociais e culturais que dialogam diretamente com a sociedade.

Duas dramaturgas-diretoras se destacam nesse cenário: Yukiko Motoya (1979) e Satoko Ichihara (1988). Yukiko Motoya, é a ganhadora mais jovem do Prêmio Tsuruya Nambo por sua peça *Sônan* (Náufrago, 2006) e recebeu o Prêmio Kishida Kunio pela obra *Shiawase saikô arigato maji de* (Estou tão feliz, muito obrigada, 2009). Yukiko é também romancista, ganhadora de vários prêmios literários.

Reiventando o teatro

Satoko Ichihara (1988) é diretora artística do Kinosaki International Arts Center (KIAC), na província de Hyogo. Ichihara exemplifica o dinamismo do teatro japonês atual, combinando formação acadêmica, conexões globais e a força da perspectiva feminina no cenário artístico e cultural.

Nascida em Osaka, e criada em Fukuoka, Ichihara encontrou apoio em teatros públicos de sua cidade natal e aprofundou seus estudos de teatro em Tóquio, na Universidade J.F. Oberlin. Lá, conheceu a dançarina Kuniko Kisanuki e os diretores Tatsuo Kaneshita, Masao Nouso, Yoshisada Sakaguchi e Hisao Takase, este último, ator e diretor da companhia Bungakuza. Ichihara lidera, desde 2011, a companhia “Q” de teatro.

Em suas obras, a dramaturga-diretora explora o comportamento humano, a fisiologia do corpo e o desconforto associado a temas como sexualidade e hibridização entre espécies ou raças, sempre a partir de um olhar feminino.

O público é imerso em um universo sensorialmente estimulante, enquanto os atores revelam suas próprias vulnerabilidades em cena. Suas criações questionam a validade das definições tradicionais de sexo e reprodução, historicamente moldadas por uma visão antropocêntrica e patriarcal. Além disso, utiliza abordagens radicais para desafiar os padrões éticos e morais amplamente aceitos pela sociedade.

Desde 2010, Ichihara vem criando obras premiadas. O trabalho de formatura *Mushi* (Insetos, 2011), ganhou o Prêmio de Drama da Aichi Arts Foundation. *Favonia's Fruitless Fable* (2017) foi finalista do 61º Prêmio Kunio Kishida de Dramaturgia. *Bakkosu no shin'nyo - horustain no mesu* (As Bacantes - vacas leiteiras holandesas) foi premiada na Trienal de Aichi de 2019 e ganhou o 64º Prêmio Kunio Kishida de Dramaturgia.

Também em 2019, Ichihara publicou sua primeira coleção de contos, *Mamito no tenshi* (Anjo de Mamito). Coproduziu *Madama Butterfly* (2021), com o Theater Neumarkt (Zurique), apresentado no SPIELART Theatre Festival (Munique) e em Wiener Festwochen

(Áustria). *Yoroboshi: The Weakling* estreou no Theater der Welt 2023 (Frankfurt). Em 2024, foi convidada para criar uma obra para a série Repertory Premiere do ROHM Theatre Kyoto, baseada em sua pesquisa de campo em Seul, Coreia do Sul.

Dentre os trabalhos premiados, destaca-se *Bakkosu no shin'nyo - horustain no mesu* (As Bacantes - Vacas Leiteiras Holandesas). É uma obra que desafia o público a repensar preconceitos e valores ao abordar temas controversos da sociedade contemporânea japonesa, sob uma perspectiva feminina e com influências da tragédia clássica grega.

As Bacantes

Na mitologia grega, as Mênades, ou Bacantes, são ninfas seguidoras e adoradoras do culto de Dioniso (ou Baco, na mitologia romana). Eurípedes (séc.V.a.C), o dramaturgo grego, descrevia as bacantes, de cabeça virada para trás, garganta voltada para as estrelas, «como corças, mais do que seres humanos». A entrega ao êxtase dionisíaco simbolizava a ruptura dos limites humanos, a perda da identidade individual diante da força arrebatadora do divino.

Essa mesma ideia de transcendência pelo abandono do controle é retomada pelo professor Julian Morrow, personagem do livro *A História Secreta*, de Donna Tartt. Em uma de suas discussões com os alunos, ele reflete sobre o fascínio paradoxal da dissolução do eu:

O que chamamos de belo provoca arrepios. E o que poderia ser mais aterrorizante e belo, para mentes como a dos gregos e a nossa, do que a perda total do controle? Soltar as amarras do ser por um instante, estraçalhar a estrutura de nossos egos mortais? [...] Cantar, gritar, dançar descalço na mata, no meio da noite, sem noção da mortalidade, como um animal! Falo em mistérios poderosos. Falo nos urros dos bois. Mel jorrando da terra. Se tivermos força suficiente na alma, poderemos rasgar o véu e olhar direto para a beleza crua e terrível: deixar que Deus nos consuma, nos devore, nos descarne. E depois, nos devolva renascidos.

Tanto na fúria extática das Mênades quanto na teoria do Professor Morrow, a rendição ao desconhecido surge como um portal para algo além da experiência comum — um estado limiar entre o humano e o divino, entre a destruição e o renascimento.

Na reinterpretação audaciosa de *As Bacantes*, Ichihara transporta a tragédia grega para o Japão moderno, ambientando-a em uma casa com atmosfera inquietante. *Mulher*, a protagonista, renuncia à segurança da vida como dona de casa. Antes do casamento, *Mulher* trabalhava como inseminadora de animais domésticos. Em um gesto que mistura

provocação e experimentação, decide comprar sêmen de um doador pela internet e em meio a uma brincadeira, injeta metade em uma vaca. Dessa experiência nasce uma criatura híbrida - uma besta Holandesa meio humana, meio bovina, com um grande clitóris capaz de ejacular sêmen que, paradoxalmente, se torna sua mãe. A relação entre as duas, marcada pelo abandono e pela marginalização, culmina na criança-bestas sendo deixada à própria sorte aos três anos de idade, sobrevivendo como um ser ambíguo entre o humano e o animal, vendendo seus favores a homens pervertidos.

O enredo se desenrola entre personagens excêntricos e simbólicos: uma dona de casa habituada a frequentar bares badalados, uma criatura gerada por inseminação artificial, um coro de almas atormentadas de vacas leiteiras e um cão papillon adquirido por impulso. Esse universo grotesco e surreal ressoa com o mito dionisíaco, evocando a quebra de fronteiras entre civilização e instinto, ordem e desordem.

Na tragédia grega, Dioniso nasce da união entre um deus e um humano; Ichihara, em sua releitura radical, substitui essa divindade por um ser meio-humano, meio-fera, fruto da inseminação de uma vaca com sêmen humano. A dramaturga afirma que explorar o cruzamento entre um humano e outro tipo de animal, permite uma investigação mais profunda da natureza humana – como se, ao borrar os limites entre espécies, fosse possível revelar com mais clareza as pulsões e contradições que nos definem.

Neste cenário, a imagem idealizada do Japão tradicional cede espaço a uma realidade dominada pelo consumismo, superficialidade, discriminação e papéis de gênero opressivos.

Com o elenco somente de atrizes, *As Bacantes-Vacas leiteiras holandesas* traz monólogos intensos, memórias pessoais de personagens, diálogos desconcertantes e canções em coro. Esses elementos questionam o discurso patriarcal e antropocêntrico sobre sexualidade e reprodução, desafiando normas éticas e morais amplamente aceitas.

Inspirada por pensadoras como Judith Butler – filósofa e teórica reconhecida por seus estudos sobre gênero, performatividade e teoria queer –, Ichihara é uma pioneira no teatro japonês ao trazer uma visão de mundo queer para suas obras. No entanto, em vez de adotar explicitamente o termo queer, ela prefere recorrer a metáforas, como “fada”, para dar voz aos marginalizados.

A dramaturgia de Satoko Ichihara não se limita à crítica ao Estado e ao patriarcado; ela se insere em um cenário pós-moderno onde o desmoronamento dessas estruturas dá lugar a um ambiente de instabilidade e transgressão.

Um dos alvos centrais de sua obra é o *lookism*, a discriminação baseada na aparência, que impõe às mulheres japonesas padrões rígidos de idade, corpo e beleza. Ao

expor as pressões sociais que desumanizam aquelas que não se encaixam nesses ideais, Ichihara transforma sua frustração com as violências – tanto sutis quanto explícitas – em um motor de contestação artística.

Para a dramaturga, as interações sociais são marcadas por falsidade e superficialidade, enquanto o mundo digital, especialmente as redes sociais, tende a revelar emoções mais genuínas. Suas peças exploram essa inversão entre público e privado, refletindo sobre as mudanças culturais e os efeitos da tecnologia nas relações humanas.

Com uma abordagem inovadora, Ichihara oferece uma leitura crítica e provocativa da sociedade japonesa, desafiando normas e repensando a identidade contemporânea. Ao romper com convenções, ela não apenas redefine o teatro japonês, mas também consolida a dramaturgia feminina como um espaço de resistência e reinvenção.

Carne, Sexo e Corn Flakes

Bakkosu no shin'nyo - horustain no mesu (As Bacantes - vacas leiteiras holandesas) se destaca pelo uso de monólogos extensos que rompem com as normas tradicionais do teatro. Imaginemos o cenário: um balcão de cozinha, uma geladeira, um sofá e um gramado, uma mulher entra com uma xícara na mão. Ela veste um avental estampado floral. Senta-se à mesa de jantar. Sobre a mesa há uma frigideira elétrica, uma caixa de Corn Flakes, um canudo, hashis, luvas de borracha e uma vasilha de plástico. Ela se dirige ao público:

Esta noite faremos churrasco. Já pensou no que você vai comer hoje? Eu como carne grelhada uma vez por mês. E hoje é o dia. Normalmente minha dieta é o oposto. Minha refeição se parece com o que as vacas comem. Simples, baseada em plantas.

O monólogo inicia-se com uma introdução aparentemente trivial: a expectativa por um churrasco. Logo se percebe um contraste entre a dieta cotidiana da narradora, baseada em vegetais, e esse evento ocasional de comer carne. A referência à alimentação das vacas sugere uma reflexão implícita sobre o ciclo alimentar e até mesmo sobre a relação entre humanos e animais.

Pelas manhãs, eu como Corn Flakes da Kellogg's. Você sabia? O Corn Flakes foi inventado para desencorajar a masturbação, aparentemente. Li outro dia na internet e fiquei surpresa. O criador, o Dr. Kellogg considerava o desejo sexual a raiz de todas as doenças, por isso ele não fazia sexo.

O monólogo passa para um fato histórico peculiar sobre os Corn Flakes. A inclusão de informações lidas na internet ressalta a forma como o conhecimento é adquirido hoje em dia — fragmentado e frequentemente surpreendente.

Eu acho que é ruim para o corpo não fazer sexo, mas... Ele [o Dr. Kellogg] tolerava o ato sexual, ou melhor, o acasalamento, mas considerava inaceitável a masturbação, para ele não era uma coisa boa. Li também na internet que o contato pele-a-pele produz um hormônio chamado oxitocina que nos deixa felizes e, portanto, o sexo faz bem à saúde. Mas então li em outro artigo que dizia que qualquer contato pele-a-pele, como acariciar um cachorro, pode produzir oxitocina da mesma maneira.

Aqui, a relação entre sexo, saúde e prazer é problematizada a partir da visão de Kellogg, contrastando com descobertas científicas contemporâneas. A comparação entre o toque humano e o toque animal insinua uma reflexão irônica sobre as bases biológicas do prazer e da conexão social.

Então pensei, pode ser que o Dr. Kellogg aceitou sexo não em termos de pele, mas por causa dos fluidos. Quando você beija alguém, você troca saliva, certo? A troca de saliva fortalece o sistema imunológico, aparentemente. Li isso também online, e pensei, aha! entendi! A masturbação é ruim porque você não troca fluidos com outra pessoa. Claro, há o risco de doença quando fluidos se misturam. E para o beijo, você pode beijar um cachorro, certo? Os cães adoram lambe pessoas, não vê como eles lambem?

A tentativa de justificar a aversão de Kellogg à masturbação com base na ausência de troca de fluidos cria uma argumentação curiosa. A menção aos cães como alternativa para essa troca reforça a natureza atiradora do raciocínio, desafiando convenções sobre intimidade e afeto.

Então, a conclusão, se você seguir um padrão de pensamento normal, é isso: é bom procriar - acho que esse é o ponto. Não sei se é necessariamente bom para a saúde. Depois que uma amiga minha teve o filho, ela ficou tão esgotada, que suas olheiras chegaram ao chão, e como ela envelheceu, teve complicações e a bexiga dela acabou se soltando.

A narrativa dá uma guinada para a maternidade e seus impactos físicos e emocionais. A exaustão da amiga após a gravidez ilustra um contraponto ao discurso de que procriar é algo “bom”. O tom irônico e direto da *Mulher*-narradora escancara os custos da maternidade, geralmente romantizados na sociedade.

E também que ter o filho é uma coisa e criá-lo é outra. Hoje em dia, ouve-se muito sobre abuso infantil. Tantos incidentes horríveis no noticiário. O que você acha?

O monólogo muda drasticamente para um tom sombrio, abordando o abuso

infantil. A questão deixa o público sem uma resposta definitiva, obrigando-o a refletir. Aparentemente desprezioso, o monólogo revela um ensaio sobre desejo, controle, intimidade, reprodução e violência, deixando o público com um incômodo persistente.

A peça segue, em que um coro de donas de casa, homens-fera e espíritos de vacas leiteiras cantam e dançam furiosamente: “Meu gado sou eu, e enquanto eu viver, devo domar a fera que sou”.

Para Ichihara, o sentimento é de que o mundo contemporâneo está caminhando para um estado perigoso e, ao escrever sobre esses perigos sem reservas, cria obras em que há maneiras opostas e alternativas de olhar as coisas. E revelou em uma entrevista:

A estrutura social do mundo teatral do Japão também é uma sociedade centrada no homem. Embora haja um número crescente de mulheres produtoras de teatro recentemente, a maioria ainda é do sexo masculino e são os homens que estão principalmente em posições de autoridade. Como afinal estou escrevendo obras que se concentram em mulheres, até certo ponto também sou vista como uma escritora que usa o tema das mulheres que é “reconhecido” pelo establishment centrado no homem. O ato de ser “reconhecido” é em si um processo orientado para o masculino, e a sociedade que me reconhece funciona em um modelo centrado no masculino. Eu tenho um desejo de ser reconhecida, mas ao mesmo tempo tenho o ressentimento que vem com o fato de ser mulher. Embora não haja respostas fáceis, focar nas mulheres é algo que venho fazendo com consciência há muito tempo.

Satoko Ichihara segue desafiando, com ousadia e sensibilidade, tabus enraizados e as contradições que permeiam a sexualidade na sociedade. Em todas as suas obras, o absurdo e o humor emergem das distorções impostas pelo patriarcado, pelo sistema de produção e consumo em massa, e pela padronização global do desejo, transformando-se em questionamentos incisivos sobre a condição humana. Com uma abordagem inovadora e provocativa, sua dramaturgia não apenas reflete os dilemas do mundo contemporâneo, mas também amplia os limites do teatro, reafirmando sua arte como um espaço de contestação, reinvenção e liberdade.



Referências bibliográficas

ICHIHARA, Satoko. Bakkosu no shin'nyo - horusutain no mesu [バックスの信女 — ホルス タインの雌]. Hakusuisha. Tóquio, 2020. Tóquio. As bacantes -Vacas leiteiras holandesas, Tradução de trechos por Alice K.

EURÍPEDES. As bacantes de Eurípedes. Trad. Trajano Vieira. Ed. Perspectiva. São Paulo, 2021.

TARTT, Donna. A história secreta. Cia das Letras. São Paulo, 2021.

YAMAGUCHI, Hiroko. Japanese Theatre by Playwrights of Generation X and on. The Methuen Drama Book of Contemporary Japanese Plays. The Japan Foundation. Methuen/drama. New York, 2021.

Sites

<https://kiac.jp/en/artist/967/>

<https://performingarts.jpf.go.jp/en/article/7141/>

<https://qqq-qqq-qqq.com/>